



Conhecendo Uma Experiência de Hospitalização

Líliá Marques Nascimento, Vanessa de Almeida Oliveira, Vanessa de Lima Damasceno¹

1. Introdução

Ao ingressarmos, no ano de 2004, no curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), fomos informadas que havia uma disciplina curricular obrigatória, denominada Pesquisa e Prática Pedagógica, que nos acompanharia por seis períodos do nosso curso.

Essa disciplina tem por objetivo iniciar o aluno de graduação na área da pesquisa, através da qual ele irá escolher um tema de seu interesse, dentre os que são oferecidos pela Faculdade de Educação.

No nosso período de escolha foram oferecidos dois temas. Optamos pelo denominado Hospitalização de Adolescentes, lecionado pela Professora Maria Luiza Pontes. Neste tema deveríamos fazer visitas quinzenais para acompanhamento do trabalho desenvolvido pelas estagiárias, no projeto de extensão “Uma Alternativa Educativo-Cultural na Travessia Hospitalar do Adolescente na Enfermaria do NESA/HUPE/UERJ”.

Este projeto é realizado na enfermaria de adolescentes do NESA (Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente), que atende adolescentes de 12 a 21 anos, no Hospital Universitário Pedro Ernesto, na cidade do Rio de Janeiro. Tem por objetivo desenvolver atividades pedagógicas que visam socializar o adolescente hospitalizado com o ambiente e mantê-lo em contato com o seu contexto social durante seu período de internação.

Apesar de o projeto existir desde 1993, ele ainda não possui um espaço próprio para realizar suas atividades. Essas são feitas na mesma sala onde os pacientes e acompanhantes assistem TV e fazem as refeições.

Através das visitas realizadas, construímos um subprojeto de pesquisa chamado “O lúdico e o

Resumo

O projeto de extensão “Uma Alternativa Educativo-Cultural na Travessia Hospitalar do Adolescente na Enfermaria do NESA/HUPE/UERJ”, coordenado pela professora da Faculdade de Educação da UERJ, Maria Luiza Pontes, foi criado em 1993 com o objetivo de desenvolver atividades pedagógicas que visam socializar o adolescente hospitalizado com o ambiente, visando mantê-los em contato com o seu contexto social durante seu período de internação. O presente relato de experiência tem como proposta ressaltar a pesquisa qualitativa que o projeto desenvolve na enfermaria de adolescentes do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) e, ainda, proporcionar uma reflexão sobre o hospital como um novo espaço de trabalho para o pedagogo.

Palavras-chave: Hospital, Pedagogia, Adolescente, Interação.

¹ Graduandas do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mails: liliamnascimento@bol.com.br; vanessaanecka@bol.com.br; nessavah@yahoo.com.br.

adolescente hospitalizado: contribuições durante o período de internação”. Foi através desse subprojeto que passamos a ser bolsistas de extensão e estagiárias responsáveis pela promoção das atividades. Esse fato nos possibilitou a vivência direta com os adolescentes, o que tornou nossas visitas ali mais frequentes, acontecendo todas as segundas e quartas-feiras das 16:00 às 18:00 horas.

Durante todo esse tempo, presenciamos diversas situações, algumas agradáveis e outras nem tanto. Porém, todas foram e são de suma importância nessa nossa caminhada, não só profissional, como pessoal, pois contribuíram para o aperfeiçoamento de nossa formação, bem como para a ampliação de nossa visão do homem e do mundo.

2. Objetivo

Com o presente relato, pretendemos mostrar, através de nossas experiências, que o hospital (público universitário) pode ser também um espaço pedagógico privilegiado para tais ações, ou seja, trata-se de outro campo de atuação do pedagogo e, também, um local onde os pacientes mantêm relações interpessoais e com o mundo exterior. Como o próprio nome do projeto de extensão sugere, a hospitalização deve ser encarada como uma “travessia”, uma passagem e não um ponto final. E para isso, é importante o desenvolvimento de atividades educativas que acrescentem algo na vida do adolescente durante esse período.

3. Metodologia

O trabalho realizado é baseado em Minayo, quando esse afirma que a preocupação não é:

(...) quantificar, mas sim em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalha com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada (MINAYO: 1996, 24).

Durante a promoção das atividades, priorizamos observar a receptividade dos adolescentes em relação à proposta e a interação que ocorre durante as atividades, entre nós e eles.

O trabalho realizou-se no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), na Enfermaria do Núcleo da Saúde do Adolescente (NESA), loca-

lizado na cidade do Rio de Janeiro, *locus* privilegiado para tais ações pedagógicas, visando esta amplitude e finalidades.

4. Discussão

Embora a Pedagogia geralmente esteja relacionada à docência e ao trabalho escolar, Libâneo (2001) afirma que a Pedagogia é o campo do conhecimento que se (pre)ocupa com o estudo da educação e do ato educativo. Para o autor, o ato educativo está presente em todas as sociedades e é crucial no conjunto das relações sociais.

Libâneo define prática educativa como

(...)o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando à formação do ser humano (LIBÂNEO: 2001, 07).

Tomando por base o conceito do autor, pode-se considerar o hospital também como um espaço educativo. O trabalho pedagógico que realizamos na enfermaria do NESA parte do princípio que o hospital é um espaço vivo e atuante. Tem como objetivo principal desenvolver atividades educativo-culturais visando à reintegração do jovem ao seu meio sociocultural, após seu período de internação hospitalar.

É fato que, ao se trabalhar com adolescentes, é de suma importância compreender as mudanças – sejam elas de ordem psíquica ou física – que ocorrem com o indivíduo nessa faixa etária. Para caracterizar esses sujeitos, utilizamos o conceito de Saito (2001), quando afirma que

a adolescência é uma etapa de vida do ser humano fundamental para a construção do sujeito, resultante de tudo que a precedeu, portanto da infância, e determinante de tudo que há de vir, ou seja, da adultícia (SAITO: 2001, 03).

Assim, devemos compreender que, apesar de a adolescência ser uma etapa de profundas mudanças e os adolescentes ali internados estarem vivendo uma mesma experiência de hospitalização, cada adolescente atendido pelo projeto tem uma história de vida e encara essa hospitalização de forma diferente. Por isso, temos sempre de respeitar suas individualidades e estarmos preparados para as mais adversas situações.

Apesar das adversidades, o adolescente hospitalizado não é diferente de qualquer outro

adolescente. Por isso, também sofre da chamada “Síndrome da Adolescência Normal” (Knobell e Aberastury apud Saito, 2001). As características dessa síndrome assim aparecem descritas: a busca de identidade, a tendência grupal, a necessidade de intelectualizar e fantasiar, crises religiosas, vivência temporal singular, evolução sexual, atitude social reivindicatória, separação progressiva dos pais, as constantes flutuações do humor e do ânimo.

Uma dessas características, a tendência grupal, ocorre com bastante frequência devido ao adolescente só querer participar das atividades, se os outros também estiverem, o que nos faz sempre criar diferentes estratégias para conquistá-los e convencê-los a sair dos leitos para que participem das atividades.

Em nossas primeiras visitas ao NESA, logo percebemos a diversidade de público que o projeto alcança. Rodrigo¹, de 18 anos, vítima de AVC (Acidente Vascular Cerebral), não quis participar da atividade e comentou que não via a hora de voltar para casa e reencontrar sua cama, sua família e seu cachorro. Em compensação, Rafael, de 15 anos, que estava internado com pneumonia, apesar da fraqueza devido à doença e à medicação, não faltava a nenhuma atividade. Após algum tempo de tratamento, Rafael melhorou e recebeu alta do hospital. Porém, para não ir embora, “inventou” que estava com dor de cabeça e febre.

Nesse dia, ao conversarmos com a médica responsável por ele, descobrimos que o mesmo não queria ir para casa porque no hospital ele tinha todas as refeições, TV, rádio e estava cercado de cuidados médicos, psicológicos, pedagógicos e de amizades feitas no hospital.

Através desses dois fatos, podemos comprovar o que foi dito anteriormente sobre cada um vivenciar de forma diferente a hospitalização, apesar de estarem na mesma faixa etária. Tudo isso nos possibilitou refletir sobre os diferentes papéis que a família pode desempenhar para o adolescente nesta importante fase de suas vidas, bem como o papel dos atores envolvidos durante sua hospitalização, com vistas ao apoio oferecido.

Como se não bastassem todas as dúvidas e incertezas próprias dessa faixa etária, esses adolescentes ainda têm que conviver com os problemas característicos de sua doença. E, por isso, ao realizarmos as atividades pedagógicas propostas, nos deparamos com situações das quais, até então, nunca pensamos um dia fazer parte.

A morte não é fato incomum em hospitais e, na enfermaria do NESSA, isso não é diferente. Alexandre, que estava internado devido a um câncer, por diversas vezes, esteve desanimado e triste, por isso, não participava das atividades. Logo percebemos que conversar com ele, em seu quarto, seria uma maneira de ele nos conhecer e de conhecer o projeto.

Com o passar do tempo, conseguimos fazer algumas atividades com ele, no seu próprio leito. A cada dia, ele ficava mais confiante. Até que um dia, enfim, conseguimos levá-lo para a sala onde acontecem as atividades, para que ele se relacionasse com os outros adolescentes. Foi uma imensa conquista levá-lo até lá, e, por isso, comemorávamos. Conseguimos levá-lo outras vezes para participar das atividades nessa sala e nem precisávamos fazer mais tanto esforço para convencê-lo. A última atividade de que ele participou foi a do Bingo de Encerramento, que sempre fazemos no final de cada semestre.

No período de festas do final de ano, a maioria dos adolescentes foi liberada para passar o Natal e o Ano Novo em casa, com a família, inclusive Alexandre. Mal sabíamos que o dia do Bingo seria a última vez em que o veríamos. Alexandre veio a falecer na semana entre o Natal e o Ano Novo.

Ao voltarmos desse período de festas, perguntamos às enfermeiras do NESA por notícias dos adolescentes e ficamos sabendo do ocorrido. Foi um choque para todas nós. A enfermeira relatou que ele havia se sentido mal em casa, mas não contou à sua família, pois queria passar o Ano Novo em casa e não gostaria de voltar para o hospital.

Com profissionalismo, prosseguimos com a atividade do dia, mas ao sair do hospital a tristeza foi inevitável. Assim, aprendemos que conquistamos e somos conquistados por cada adolescente que por ali passa, porém, devemos sempre estar preparados para situações adversas como a morte.

Apesar das dificuldades e incertezas por que esses adolescentes passam no período de internação, nos surpreendemos com os exemplos de solidariedade, como no caso de Carla e Gustavo.

Durante a realização de uma atividade, cuja proposta era perceber que nossos medos, angústias e sonhos são parecidos, aconteceu uma situação, cujo resultado atingiu completamente o objetivo da atividade.

Gustavo estava fazendo quimioterapia e Carla iria iniciar o tratamento. Carla estava com mui-

to medo dessa nova fase e começou a chorar durante a atividade. Gustavo, muito cordial, começou a conversar com ela, explicando que há pouco tempo atrás ele estava sofrendo da mesma forma. Aos poucos, Carla foi se acalmando com as palavras de Gustavo e, de uma “simples” atividade, conseguimos fazer com que eles se aproximassem e percebessem que compartilhavam da mesma angústia.

Esta atividade não só os aproximou como surpreendeu a nós mesmas quando notamos que, independentemente de estar doente, internado num hospital, ou estar lá sob o olhar de pesquisadoras, nós também compartilhávamos o sonho de nos formar, o medo de nos separar e de ter de enfrentar o mundo para além dos muros da universidade. O fato de estarem doentes não os impedia de terem perspectivas para o futuro, mesmo que, às vezes, este possa parecer incerto e indefinido.

5. Considerações Finais

Com essas experiências, pudemos verificar a diversidade de público que este projeto educativo-cultural alcança. Por acontecer em um hospital público e universitário, e atender adolescentes que vêm de diferentes cidades e Estados, as desigualdades sociais e educacionais ficam bem visíveis e aparentes.

É muito difícil para nós, futuras educadoras, perceber que, na maioria das vezes, esses adolescentes não têm seus direitos, que são garantidos por lei, respeitados. Muitos deles são obrigados a interromper e/ou atrasar seus estudos em razão de seus professores e da própria escola que freqüentam não respeitarem e, por vezes, desconhecem a lei que determina o direito que eles possuem de receber e fazer suas tarefas, trabalhos e avaliações durante o período de internação hospitalar.

Em relação às atividades educativo-culturais, verificamos, ainda, que a receptividade por parte dos adolescentes é total, especialmente, depois que esses participam das tarefas pela primeira vez. A princípio, ficam receosos por acharem que se trata de uma atividade infantil ou de recreação. Mas, após tomarem conhecimento do que se trata, do projeto em si, e de como as atividades são realizadas, participam constantemente durante o seu período de internação e, até mesmo, nos dão sugestões de assuntos e materiais para novas atividades.

É importante ressaltar, também, que apesar de a palavra Pedagogia ainda possuir o mesmo sig-

nificado de anos atrás (cuidar de criança), ela está se fortalecendo em outros campos de atuação que não só a escola. Hoje, ela também está presente no hospital, por entender que esse não é apenas um lugar de morte e, sim, um espaço de vida onde também é possível e desejável haver uma prática educativa para crianças e adolescentes.

Portanto, projetos como “Uma Alternativa Educativo-Cultural na Travessia Hospitalar do Adolescente na Enfermaria do NESA/HUPE/ UERJ” se fazem necessários por entenderem que os internos devem manter o contato com a sua cultura e costumes, e para repensar e refletir que a estadia no hospital é apenas uma passagem, a qual eles podem aproveitar, ao máximo, para fazer amigos e construir novos conhecimentos, de preferência de maneira lúdica, nesta travessia...

Notas

¹ Os nomes dos adolescentes citados não são verídicos e foram escolhidos aleatoriamente.

6. Referências Bibliográficas

- LEAL, M. M. & SAITO, M.. *Síndrome da adolescência normal*. In: Adolescência: Prevenção e Risco. São Paulo: Editora Atheneu, 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas*. Curitiba: Editora Educar em Revista, 2001. Volume 17.
- MINAYO, M.C. de S. et. al. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

Abstract

The extension project “Uma Alternativa Educativo-Cultural na Travessia Hospitalar do Adolescente na Enfermaria do NESA/HUPE/ UERJ”, co-ordinated for the teacher of the College of Education of the UERJ, Maria Luiza Pontes, is bred in 1993 with the objective to develop pedagogical activities that they aim at to socialize the adolescent hospitalized with the environment and to keep them in contact with its social context during the period of internment.

The present story of an experience has the purpose to stand up the qualitative research that the project develops in the infirmary of adolescents of the University Hospital Pedro Ernesto, and proportion a thought about a new work space to pedagogo.

Keywords: Hospital, Pedagogy, Adolescents, Relations.